

Fronteiras ou limiares. A criança perante a fronteira, durante o êxodo espanhol de 1939. Mosaico de relatos

Borders or thresholds? The child facing the border during the Spanish exodus of 1939. Mosaic stories

Palavras-chave: infâncias em guerra, exílio, fronteira, limiar, assombro.
Keywords: Children in war, exile, border, threshold, stunning.

Rose Duroux

Universidade Clermont Auvergne
rose.duroux@orange.fr

In memoriam. Dolores Pla (1954-2014)

Preâmbulo

Quem diz exílio, diz fronteira

Desde o século XV, a história de Espanha foi marcada profundamente por êxodos: judaicos, mouriscos, afrancesados, liberais, republicanos... Alguns foram massivos. Foi o caso do exílio republicano em consequência da guerra civil espanhola de 1936-1939.

Para a maioria, “cruzar a fronteira” implicou um corte brutal entre um antes e um depois, um cá e um lá; para outros, representou a interseção entre um “*des-nascer*” e um “*renascer*” – conceitos discutidos por María Zambrano, uma especialista em exílios, uma vez que cruzou a fronteira em 1939 e demorou quase meio século a regressar.

Ainda que a literatura seja imprescindível para abordar o sentir exílico, a pista que vou seguir não é a ficcional mas a referencial, investigando testemunhos de exilados, quer sejam testemunhos contemporâneos dos factos, quer sejam retrospectivos. São muitos os depoimentos, diversos e dispersos. A maior parte está inédita, mas existe já uma recolha significativa feita por antólogos, historiadores, sociólogos, antropólogos, em arquivos orais e escritos, espalhados por todo o mundo da diáspora republicana. Foram os hispano-mexicanos os

primeiros a avançar na recolha de testemunhos, devendo assinalar-se o trabalho pioneiro da antropóloga Dolores Pla¹.

À altura da criança

O que pretende este estudo é captar a passagem da fronteira “à altura da criança” e aproximar-se o mais possível da visão da criança, da sua maneira de pensar e de sentir o alheio.

A historiografia sobre as infâncias na guerra e no exílio² tem vindo a assumir grande importância na passagem do século XX para o XXI. Essas infâncias, declaradas “cadeira em atraso” ou “pousio historiográfico” no Congresso de Salamanca de 1991 (Cuesta et al., 1996), hoje fazem verdadeiramente parte do território do historiador. Estão em plena expansão as publicações (em papel e na web) dedicadas às histórias de vida das “crianças de guerra”: “crianças das colónias”, “crianças da Rússia”, “crianças de Morélia”, etc. Desenhos, cartas, diários pessoais ou escolares constituem um material muito valorizado pelos investigadores.

Para este estudo, só me proponho extrair desse oceano arquivístico uma pequena amostra de “recordações”. E também tenciono centrar-me apenas num tema – o das fronteiras. Não há dúvida de que este é um tema nuclear, pois foram muitas as fronteiras cruzadas pelos “meninos da guerra”: fronteiras internas e externas, concretas e abstratas. Todas deixaram marcas. Alicia Altet, autora de *El exilio de los niños* (2002, p. 125), afirma: “A passagem da fronteira fragmenta o mundo interior”.

A guerra das crianças deslocadas

a guerra, ao partir o país em dois, levou a deslocações de um extremo ao outro da Península e a contínuas retiradas com uma parte a vencer progressivamente a outra. As crianças tiveram vivências muito díspares, de acordo com a sua idade ou tendo em conta a permanência nas suas casas ou o seu abandono temporal ou definitivo, com a família ou sem ela. Também se evacuaram orfanatos inteiros. Essas mudanças causavam na criança uma sensação de vazio. Elena, uma criança madrilenha evacuada para a casa-escola de Benicàssim, expressou-o, já em 1937 ou 1938, num pequeno poema com muitas rasuras (Brauner, 2001, p. 36):

Tuve que salir de Madrid por las bombas
Sin mi muñeca, sin mi cama, sin peine,
Sin mi [una serie de objetos tachados]...

*Tive de sair de Madrid por causa das bombas
Sem a minha boneca, sem a minha cama, sem pente,
Sem a minha [uma série de objetos rasurados]...*

¹ Em 1989, o INAH do México já tinha no seu arquivo mais de 700 horas de gravação sobre a passagem da fronteira francesa e a re-emigração para o México.

² A expressão “infâncias em guerra” é de Stéphane Audoin-Rouzeau. Os seus trabalhos sobre este assunto são imprescindíveis, e. g. (2004). *La guerre des enfants 1914-1918. Essai d'histoire culturelle* [1993]. Paris: Armand Colin; (2006). *Enfances en guerre*, número especial de *Vingtième Siècle, Revue d'histoire*, n.º 89, janeiro-março.

Essa sensação de perda inexorável, traduzida aqui pela reiteração de *sin* e pela rasura, conservou-a para toda a vida Margarita La Villa (1934): “As minhas recordações a este respeito são algo confusas, mas sei que tive uma forte sensação de desenraizamento, de ir deixando casas...” (Salabert, 2005, p. 95).

A primeira saída massiva de população civil em direção à fronteira com a França aconteceu em agosto de 1936, com a batalha de Irún. Mas é sobretudo resultado do cerco de Madrid, em outubro de 1936, quando o Governo planificou verdadeiramente as evacuações para zonas distantes das frentes de batalha (Valência, Alicante, Aragão, Catalunha e estrangeiro), graças a um sistema de colônias infantis e de refúgios familiares. Avalia-se em cerca de 33.000 o número de crianças evacuadas durante a guerra (Alted, 2002). Depois da vitória franquista, entre os 450.000 espanhóis que cruzaram a fronteira com França haveria perto de 69.000 crianças: crianças com mães conduzidas pelos franceses para centros de albergue ou campos de internamento, crianças perdidas e órfãs em regime de internamento ou de adoção, crianças reencaminhadas para a Bélgica, Rússia, Hispanoamérica, crianças desaparecidas, mas sobretudo crianças repatriadas massivamente para Espanha³, pois, atendendo a um pedido do general Franco, a maior parte das crianças evacuadas foi repatriada antes do fim da guerra ou imediatamente depois. Foram submetidas a um processo de “reeducação” por serem *filhos de vermelhos*. Jesús Alonso Carballés (1998) dá-nos bons exemplos disso. También Juana Salabert (2005, p. 194) evoca regressos num comboio triste, como o de Susana del Castillo, evacuada de Madrid:

... porque la mayoría, incluso los niños de mi edad, de nueve años o más pequeños, teníamos una conciencia clarísima de que nos habían vencido. [...] Yo no sé ni cómo llegamos. Pero sí sé que a nuestra llegada vimos que no empezaba la paz, sino la posguerra.

... porque a maioria, inclusive as crianças da minha idade, de nove anos ou mais novos tínhamos uma consciência claríssima de que nos tinham vencido. [...] Eu já nem sei como chegámos. Mas sei, que mal chegámos, vimos que não começava a paz, mas sim o pós-guerra.

Juana Salabert aponta “a raiva derradeira de quem viveu os seus anos de formação mergulhado num deplorável tempo de silêncio”, esse desespero que habita em Victorina Rada, ao evocar o seu retorno a Espanha, na década de 40, durante o período de fechamento menos solidário do franquismo.

Mas os retornos mais tardios foram igualmente perturbadores. Prova disso é o caso das “crianças da Rússia”, bem estudadas por Verónica Sierra Blas (2009): as evacuações para a União Soviética, pela sua longa duração, proporcionaram grandes frustrações. De facto, com a primeira expedição oficial de retornados, em setembro de 1956, morto já Estaline, muitos sonhos infantis ruíram. Atravessada a ansiada, a mítica fronteira, as ingénuas “crianças da Rússia” chocaram

³ Surtem efeito as circulares do ministro do Governo Albert Sarraut: “[...] Vous voudrez bien sans retard procéder à la mise en route via Hendaye, via Port-Bou de tous les enfants espagnols hébergés en France, orphelins ou non, à l’exception toutefois de ceux dont les parents réfugiés sur notre sol seraient vraiment hors d’état de regagner, sans risques sérieux, l’Espagne” (19-09-1939).

com a *estranheza*, a *estrangeirice* e inclusive com a hostilidade de seres, de coisas e de ambientes.

Os prós e os contras das evacuações

durante a guerra, não faltaram as justificações humanitárias, políticas e económicas das evacuações infantis. Tinham a sua lógica. Como é natural, os pais deram um consentimento provisório, conjuntural, para afastar os seus filhos do cenário de guerra. As interrogações acerca do subsequente trauma infantil também se colocariam nos países envolvidos na II Guerra Mundial; as respostas são contraditórias, pois enquanto alguns autores minimizam os efeitos traumáticos da separação, outros pensam que as evacuações acabam por ter um efeito mais negativo nas crianças do que a vivência da guerra junto da família (Alted, 2002, p. 132).

Escutemos o parecer duma pessoa diretamente implicada e já citada, Victorina de Rada (Astúrias, 1931), que, depois de uma fuga para a Catalunha, que já supôs uma “mudança tremenda”, se exilou em França “duas vezes”. Essa ex-criança deslocada tem uma opinião muito clara: o desmembramento da sua família foi, para ela, um desastre. E descreve-o assim nitidamente, demonstrando – caso fosse necessário – que as recordações pessoais, por muito aleatórias que sejam, são insubstituíveis⁴. Numa das suas cartas, Victorina de Rada declara:

[...] dejé a mis padres en Asturias cuando salimos, mi hermana y yo, con mi abuela, para Cataluña donde ésta tenía hermanas, éste fue mi primer exilio y separación materna y paterna, era en septiembre del 37, los metieron en la cárcel, nosotras pasamos a Francia con el montón, los volví a ver en el 45, después de la *Libération*, ‘desterrados’, arruinados, amargados de tanto sufrir, *Rojos* sin trabajo, pero con el empeño de seguir viviendo en España y recuperar a sus dos hijitas; fue un error por varias razones, sobre todo para mí, con mis 14 años y con una mentalidad de 18 y tan rebelde al franquismo como si tuviese el doble, fue un fracaso, allí permanecí tres años de hambre, frío y sufriendo las mil humillaciones por *Roja* e hija de desterrados, enfin no se puede escribir todo. Me volví, por la montaña, el 18 de julio de 1948, siendo menor, cumplía los 18 años en agosto, entonces la edad de ‘mayor’ era a los 21, no veas lo que pasé antes de llegar a París donde residían mis tíos. Cuando me casé, con un ‘Republicano’, entonces lo eran todos, en 1951, tuve (tuvimos) a Inés, juré: ‘Jamás me separaré de mi hija si he de ir a la cárcel iré con ella’.

[...] deixei os meus pais nas Astúrias quando saímos, minha irmã e eu, com a minha avó, para a Catalunha onde esta tinha irmãs, este foi o meu primeiro exílio e separação materna e paterna, estávamos em setembro de 37, eles foram encarcerados, nós passámos para França com aquela chusma de gente, voltei a vê-los em 45, depois da *Libération*, ‘desterrados’⁵, arruinados, amargurados de tanto sofrer, *Vermelhos* sem trabalho, mas com o empenho de continuarem a viver em Espanha e de recuperarem

⁴ Carta de Victorina de Rada, Paris, 18-11-1992.

⁵ Significado neste contexto: deslocados do lugar de origem por mandado judicial ou governamental para um lugar determinado, e em regime de liberdade vigiada.

as suas duas filhotas; foi um erro por várias razões, sobretudo para mim, com os meus 14 anos e com uma mentalidade de 18 e tão rebelde ao franquismo como se tivesse o dobro, foi um fracasso, ali permaneci três anos de fome, frio e sofrendo as mil humilhações por ser Vermelha e filha de desterrados, enfim, não se pode escrever tudo. Voltei, pela montanha, a 18 de julho de 1948, sendo ainda menor, completava os 18 anos em agosto, e então a idade de ‘maior’ era aos 21, nem imaginas o que passei antes de chegar a Paris onde residiam os meus tios. Quando me casei com um ‘Republicano’ (eram-no todos, então, em 1951), e tive (tivemos) a Inês, jurei: ‘Jamais me separarei da minha filha, se tiver de ir para o cárcere, irei com ela’.

“A geração das crianças assombradas”⁶

memórias e testemunhos, como nas obras de ficção, permitem-nos captar reflexos culturais e afetivos inexequíveis noutros documentos considerados “objetivos” (Broseta, 2004). Naturalmente, a escolha de tais fontes impõe imperativos críticos. O primeiro risco é esquecer que todo o recordar é uma *mise en scène*, consciente ou inconsciente. O importante é decifrar esta encenação. Em que se funda, por exemplo, a *mise en scène* nas memórias de Rodolfo Santamaría recolhidas por Dolores Pla? No seu relato alternam as reminiscências confusas, introduzidas por um “não me recordo exatamente”, e os *flashes* nítidos, pontuados por “tenho uma ideia muito clara”, “ficou-me gravado”. Chama ainda a atenção a repetição dos qualificativos “primeiro” e “raro” (“primeira experiência”, “primeira vez”, “coisas raras”), que *plasmam um descobrimento e uma aprendizagem bruscos e precoces do outro* (o sublinhado é nosso). E a chave da memória vai emergindo de frases como estas: “Todas as coisas eram raras...”, “que as lê alguém num livro, ainda que seja de ficção, e dirá que o autor está a inventar coincidências...”.

O relato de R. Santamaría começa com a Retirada de 1939: Manresa, Barcelona, Gerona, Figueras... Só cito um extrato da fuga pela fronteira:

Nos fuimos por una senda de montañas, pasamos una sierra y llegamos a otra carretera. Ahí había unos tanques del ejército – es otra cosa que se me quedó muy grabada –, tres o cuatro, y los conductores estaban afuera del tanque, arriba, otros saliendo por el agujero, y estaban partiendo y comiendo nueces, y les fueron a pedir y les dieron. Al cabo de un rato pasó un camión con gente, se paró y tenía sitio como para nosotros, pero allí había otras gentes que no eran de nuestro grupo y no había lugar para todos. Se tomó el camión por asalto y al final pasó una escena que tengo grabada, muy vívida. Uno de los que estaban ahí dijo que otro – uno de los que habían tomado por asalto el camión – era... no sé si dijo cura, fachaista (sic), algo así. El caso es que le dio un puñetazo, le tiró fuera y dijo que era un lugar para otro. En aquellas circunstancias todas las cosas eran raras y la rareza misma se convertía en una especie de normalidad. Del puñetazo lo tiró, ahí se quedó tirado y a nadie nos importó, y nos fuimos en el camión con el señor del puñetazo que había desplazado al otro. A este señor lo recuerdo mucho, supe su nombre y después lo vine a encontrar aquí en México, y tengo un concepto de él de lo más raro del mundo. [...] Seguimos y llegamos a La Junquera. [...] Poco antes de llegar – es una zona montañosa,

⁶ Fórmula paradigmática de Ana María Matute.

un valle estrecho– me llamaron la atención algunas cosas que pasaban: chóferes de los camiones del ejército que los tiraban por el barranco, soldados de caballería que mataban al caballo... cosas raras. Creo que tenía como explicación el hecho de que ellos sentían: ‘Bueno, *ya aquí termina todo*, eso es el final, lo único que sigue en adelante soy yo, lo demás no, ya se perdió todo, no tiene objeto.’ Lo cual era una posición muy particular, porque por otra parte había mucha gente que pasaba con todo lo que podía, porque del otro lado encontré que había caballos, camiones... pero, para muchos, ahí era el fin del mundo.

Fomos por um caminho montanhoso, passámos por uma serra e chegámos a outro caminho. Aí estavam tanques do exército – é outra coisa que me ficou bem gravada –, três ou quatro, e os condutores estavam fora do tanque, em cima, outros a sair pelo buraco, e estavam a partir e a comer nozes, e foram pedir-lhes e deram-lhes algumas. Depois de um tempito, passou um camião com gente, parou e tinha lugar para nós, mas ali estavam outras pessoas que não pertenciam ao nosso grupo e não havia lugar para todos. Tomou-se o camião de assalto e no fim passou-se uma cena que tenho gravada, muito viva. Um dos que estavam ali disse que outro – um dos que tinham tomado de assalto o camião – era... não sei se disse padre, fachista (sic), algo assim. A questão é que lhe deu um murro, empurrou-o para fora e disse que o lugar era para outro. Naquelas circunstâncias todas as coisas eram raras e a própria raridade convertia-se numa espécie de normalidade. Com um murro arremessou-o para fora, aí se ficou ele e isso não nos incomodou nada, e fomos no camião com o senhor da murraça que tinha expulsado o outro. Recordo-me muito bem deste senhor, soube o seu nome e depois vim a encontrá-lo aqui no México, e tenho dele um conceito do mais raro que há no mundo. [...] Seguimos e chegámos a La Junquera. [...] Pouco antes de chegarmos – é uma zona montanhosa, um vale estreito – chamaram-me a atenção algumas coisas que se passavam: choferes dos camiões do exército que os atiravam pelo barranco, soldados de cavalaria que matabam o cavalo... coisas raras. Creio que isto tinha como explicação o facto de que eles sentiam: ‘Bom, aqui termina tudo, este é o final, o único que segue em frente sou eu, os demais não, já se perdeu tudo, nada mais resta.’ O que era uma posição muito particular, porque havia muita gente que passava com tudo o que podia, uma vez que do outro lado verifiquei que havia cavalos, camiões... mas, para muitos, ali era o fim do mundo’.

Pequena nota sobre a fronteira do idioma

deve assinalar-se que o desfasamento linguístico não implicou qualquer trauma para as crianças. Elas não costumam apresentar a língua como “fronteira”. Mais: quase nem mencionam o tema nos seus relatos, na medida em que aprenderam o idioma estrangeiro com facilidade e, em poucas semanas, desenrascavam-se muito bem. Não aconteceu o mesmo com os adultos... O mais curioso foi o caso das crianças “transferradas” (neologismo de José Gaos) para um país de língua espanhola como o México. Deixo aqui o testemunho de Enrique Monedero,

⁷ Dolores Pla mandou-me o texto de R. Santamaría com este comentário: “[...] reuni, sob o título *Ya aquí se terminó todo*, narrações de vários refugiados – entre eles a de este homem, muito jovem aquando da sua saída do exílio – acerca da sua saída de Espanha; melhor dito, quis mostrar o sucedido – pensado, sentido... – desde o momento em que se tem a consciência de que se perdeu a guerra com a saída de Espanha [...]”. Carta de D. Pla a R. Duroux, México D.F., 30-09-2005.

escolarizado no *Instituto Luis Vives* (inaugurado pelos refugiados em janeiro de 1940), que mais tarde seria professor em outro dos colégios do exílio, o *Colegio Madrid* (inaugurado em 1941). De facto, aquelas “pequenas Espanhas” travavam a assimilação global:

Un factor que se interpuso en nuestra mexicanización fue el lenguaje. El tono, los giros, el uso de vocablos nada usuales en México y fundamentalmente el ceceo, creaban una barrera entre los hijos de los exiliados y los mexicanos. Dentro del plantel [de profesores y alumnos] era fácil comunicarse, fuera nos llegábamos a sentir extraños o extranjeros [...]. Nosotros no teníamos la entonación pausada, cantarina y armoniosa, sino una tendencia innata al hablar exaltado [...]. Sin embargo, cuando dejamos nuestras escuelas para integrarnos a la vida universitaria [...] hubo que modificar nuestro tono, ensayar el no ceceo, aprender a hablar pausadamente. (Alted, 2005, p. 235)

Um fator que se interpôs na nossa mexicanização foi a linguagem. O tom, as expressões, o uso de vocábulos nada usuais no México e fundamentalmente o ciciar das sibilantes criavam uma barreira entre os filhos dos exilados e os mexicanos. Dentro do grupo [de professores e alunos] era fácil comunicar, fora desse grupo chegávamos a sentir-nos estranhos ou estrangeiros [...]. Nós não tínhamos a entoação pausada, cantante e harmoniosa, mas uma tendência inata para falar alto [...]. Porém, quando deixámos as nossas escolas para ingressarmos na vida universitária [...], tivemos de modificar o nosso tom, ensaiar a pronúncia das sibilantes, aprender a falar pausadamente. (Alted, 2005, p. 235)

A retirada mais longa e suas fronteiras

três anos mais ou menos durou o êxodo de muitas crianças “periféricas” (vascas, cantábricas, asturianas, malaguenhas). Paralelamente às evacuações do Norte, planificadas por organismos oficiais, aconteceram fugas descontroladas – em debandada (Melero, 2006) – a partir do extremo Sul. No caos da “retirada malaguenha” é recorrente a cena da “criança perdida”, que María Zambrano plasmou, em 1937, com pincelada certa:

Del éxodo terrible de Málaga llegó un niño solo a Valencia de unos nueve años, que empavorecido sólo sabía decir: ‘Mi paíto y mi hermano Joseíto... se quedaron dormidos en la carretera y no se despertaron’. No sabía más ni su nombre, ni su pueblo, nada quedó en su tierna memoria después de la tragedia, solamente como una obsesión: ‘Mi paíto y mi hermano Joseíto...’.

Do êxodo terrível de Málaga, chegou uma criança com cerca de nove anos sozinha a Valência, que, de tão amedrontada, só sabia dizer: ‘O meu paizinho e o meu irmão Joseíto... ficaram adormecidos no caminho e não despertaram’. Não sabia como se chamava, nem o nome da sua terra, nada permaneceu na sua memória depois da tragédia, somente uma obsessão: ‘O meu paizinho e o meu irmão Joseíto...’⁸.

Diferentemente dos adultos, a criança, por vezes, não conservou, no mais fundo da sua memória, factos cruéis, mas apenas detalhes materiais, sensoriais,

⁸ Excerto de Alted, A. (2002, p. 125), retirado de Zambrano, M. (1937).

aparentemente triviais – um sabor, um cheiro. Valem-nos dois exemplos. A donos-tiarrá (vasca de San Sebastián), Elvira Giménez, entrevistada em Albi (Tarn) por Virginie Gastal, uma estudante de Mestrado de Clermont-Ferrand, comenta:

Para mí el éxodo duraba desde hacía tres años, salí de los primeros. San Sebastián cayó muy pronto: la guerra comenzó en el mes de julio y el 7 septiembre de 1936 cayó San Sebastián. Me acuerdo que mamá había hecho arroz con leche. Mi padre decía: no cojáis mucha ropa, vamos a volver... (Gastal, 1994, p. 87)

Para mim, o êxodo durava há já três anos, fui das primeiras a sair. San Sebastián claudicou em pouco tempo: a guerra começou no mês de julho e a 7 de setembro de 1936 San Sebastián caiu. Recordo-me que a minha mãe tinha feito arroz com leite. O meu pai dizia: não levem muita roupa, vamos voltar... (Gastal, 1994, p. 87)

Outra criança do Norte, Antonio Gómez, evacuado da Cantábria para França por barco, em 1937, com a sua mãe e os seus dois irmãos, com apenas oito anos, relata a sua viagem ziguezagueante, de um refúgio para o outro, que, depois de o levar de França à Catalunha, o conduziu à Bretanha em 1939. Cruzou várias fronteiras, mas o posto fronteiriço que Antonio Gómez tem bem presente, mesmo inolvidável, é *El Pertús* francês de janeiro de 39, não tanto pela agrura do lugar e do momento, mas pela estranha lição de dignidade com humor que lhe proporcionou um compatriota:

Cuando estábamos esperando el momento de cruzar la frontera, se produjo un acontecimiento que todavía me sigue emocionando. Un refugiado que a lo mejor tenía la edad que tengo yo hoy – y probablemente por eso me conmueve aquel hecho –, abrió su maleta, con la intención de comer algo. Sacó un puñado de avellanas y un frasco de agua de Colonia. Después de ofrecermé algunos frutos secos, se roció de agua de Colonia, también me perfumó a mí y pronunció aquellas palabras que no puedo olvidar: ‘Por lo menos los franceses no podrán decir que olemos mal’. (García & Matas, 2005, p. 262)

Quando estávamos à espera do momento para cruzar a fronteira, aconteceu algo que continua a emocionar-me. Um refugiado que talvez tivesse a idade que tenho eu hoje – e provavelmente por isso aquele facto ainda me comove –, abriu a sua mala, com a intenção de comer algo. Tirou um punhado de avelãs e um frasco de água de Colónia. Depois de me oferecer alguns frutos secos, aspergiu-se de água de Colónia, perfumou-me também e pronunciou estas palavras que não posso esquecer: ‘Pelo menos os franceses não poderão dizer que cheiramos mal’. (García & Matas, 2005 p. 262)

Vamos apresentar agora o relato inédito de outro longo êxodo que nos vai levar desde a província de Málaga até ao maciço central francês. A fim de conservar o carácter *sui generis* da recordação infantil, procurei não encurtar em demasia este testemunho. Trata-se da fuga caótica da numerosa família Sánchez, de Gaucín (perto de Gibraltar), uma povoação de onde se vê a costa de Marrocos, aquela costa dos “mouros”, temidos desde os tempos históricos – e que voltavam...!

Em 1936, os Sánchez fogem a pé, “foram dos primeiros” (sinal de medo que se repetirá no relato): o pai, a mãe e nove filhos, três rapazes e seis raparigas,

de dezanove a dois anos e meio⁹, com uma mula que durou muito pouco. Deter-nos-emos nas recordações de María que, então, tinha nove anos; no começo, a informante resume o trauma: “Percorremos toda a costa a pé até Almería. Perdi-me... E andei sozinha!”. De imediato, recorda o duplo bombardeamento – aéreo e naval – e a trágica debandada.

María Sánchez dirige-se a Virginie Gastal (1994), a estudante de Mestrado já citada. A entrevista verifica-se em Castres (Tarn). E, como bem se sabe, todo o testemunho implica o locutor e o ouvinte, com a obrigatória distância e a inegável emoção:

La carretera pasaba por los cañaverales y ahí nos escondíamos. Un caballo me hizo caer en la cuneta, había agua, entonces mi madre me quitó el vestido empapado, lo tendió encima de la mula y me puso un chal en los hombros. Durante todo el camino mi madre iba diciendo: ‘María, Anita, Juana’. Nos llamaba sin parar. Y de repente, llegan los aviones. Nos escondemos y cuando salgo de entre las cañas, no veo a mi familia, miro delante, detrás, a los lados. ¡Nada! ¡Que no encuentro a mi familia! Entonces sigo a la gente, voy adonde va, sin saber adonde iba... Y así anduve, anduve... Una tarde me encontré con el ejército republicano en un sitio en que había que cruzar un río. Por la noche el ejército me acogió en una sala bastante pequeña donde había muchos soldados; yo estaba con mi combinación y mi chal. Por fin encendieron un fuego y pude calentarme. Al día siguiente volví a emprender la marcha. Andábamos incluso por la noche, sobre todo por la noche, por los bombardeos. Porque como la carretera de Málaga a Almería sigue la costa, los aviones y los barcos nos bombardeaban al alimón.

En eso que llego a un puente, y de pronto veo a mis dos hermanas mayores y a mi tío, un hermano de mi madre [se lo habían encontrado por casualidad]. Al verlos, vi el cielo abierto. Los cuatro habíamos andado tanto, tanto..., que llegamos a Almería casi un día y medio antes que mis padres. Esperábamos. Veíamos pasar a la gente, la escrutábamos, hasta el momento en que por fin los vimos llegar. Así que nos hemos reencontrado, ¡vivos, todos!... Más tarde volveríamos a perdernos en Francia y a reencontrarnos. Mis padres y los nueve hijos. ¡No hay muchas familias así, sabe! Íbamos por la carretera y cuando venían los aviones nos pegábamos a una pared, pero los barcos lanzaban obuses contra los muros, y las piedras mataban a la gente más que nada. Una vez había a mi lado una chica y su madre, una mujer que tendría unos 50 años, entonces se era viejo a esa edad: una piedra le arrancó la cabeza. Entonces yo me decía – yo que estaba al lado– ¿por qué ella y no yo? Y así, una y otra vez, pasar al lado de la muerte. Uno se dice pero es posible que un ser humano pueda pasar tanto, pasar por tantas cosas. Pero ahora que estamos aquí [Castres], ahora que estamos tan a gusto, me digo ¿eres tú?, ¿es posible que hayas pasado por todo aquello? Me parece que no se trata de mí.

O caminho passava pelos canaviais e aí nos escondíamos. Um cavalo fez-me cair à valeta com água, então a minha mãe tirou-me o vestido empapado, estendeu-o em cima da mula e pôs-me um xaile pelos ombros. Durante todo o caminho, a minha mãe ia dizendo: ‘Maria, Anita, Joana’. Chamava-nos sem parar. E de repente, chegamos

⁹ Vinte anos depois, aquele “irmãozito” morrerá noutra guerra, a da Argélia.

os aviões. Escondemo-nos e, quando saio de entre as canas, não vejo a minha família, olho em frente, para trás, para os lados. Nada! Não encontro a minha família! Então sigo as pessoas, vou para onde vão, sem saber para onde ia... E assim andei, andei... Uma tarde encontrei-me com o exército republicano num lugar onde tinha de atravessar um rio. À noite o exército acolheu-me numa sala bastante pequena, onde havia muitos soldados; estava com a minha combinação e com o meu xaile. Por fim, acenderam uma fogueira e pude aquecer-me. No dia seguinte, voltei a empreender a marcha. Andávamos mesmo durante a noite, sobretudo pela noite, por causa dos bombardeamentos. Porque, como o caminho entre Málaga e Almeria segue a costa, os aviões e os barcos bombardeavam-nos à vez.

Entretanto, chego a uma ponte, e de imediato vejo as minhas duas irmãs mais velhas e o meu tio, um irmão de meu pai [tinham-no encontrado por acaso]. Ao vê-los, vi o céu aberto. Os quatro tínhamos andado tanto, tanto..., que chegámos a Almeria quase um dia e meio antes dos meus pais. Esperávamos. Víamos passar as pessoas, escutávamo-las, até que por fim os vimos chegar. Assim nos reencontrámos, vivos, todos!... Mais tarde voltaríamos a perder-nos em França e a reencontrar-nos. Os meus pais e os nove filhos. Não há muitas famílias assim, sabe! Íamos pelo caminho e, quando vinham os aviões, encostávamo-nos a uma parede, mas os barcos lançavam obuses contra os muros, e as pedras matavam as pessoas mais que qualquer outra coisa. Uma vez estava a meu lado uma menina e sua mãe, uma mulher que teria cerca de 50 anos, então era-se velho com essa idade: uma pedra arrancou-lhe a cabeça. Então eu perguntava-me – eu que estava a seu lado – porquê ela e não eu? E assim, uma e outra vez, a passar ao lado da morte. A gente pergunta-se se é possível que um ser humano possa passar tanto, por tantas coisas. Mas agora que estamos aqui [Castres], agora que estamos tão confortáveis, pergunto-me: és tu? É possível que tenhas passado por tudo aquilo? Parece-me que não se trata de mim.

Resumo a etapa seguinte: de Almeria, os Sánchez foram para Ripoll, cidade situada perto da fronteira, nos pré-pirinéus catalães, onde residia um tio. A mãe e os cinco filhos mais novos foram dos primeiros a entrar em França, em janeiro de 1939, pelo porto pirenaico de Ares (1513 m). Os outros membros da família, envolvidos na luta, cruzaram a fronteira mais tarde.

Andando en la nieve Pirineo abajo, mi madre y los cinco pequeños llegamos a un pueblo pequeño – ya no me acuerdo del nombre [Prats de Mollo]. Íbamos agarrados de la mano, yo era la mayor de los cinco. Cuando llegamos al pueblecito, había gente por todas partes, y calamidades, y lloros. Mi madre tuvo un síncope. Se la llevaron al hospital y yo me quedé sola con los pequeños. Al día siguiente trajeron de nuevo a mamá y nos pusieron en un tren para Clermont-Ferrand [al antiguo Cuartel de Gribauval que lindaba con la universidad]. Éramos miles. Los estudiantes tenían una jaula y nos la enseñaban diciendo: ‘¡Espagnols! ¡Espagnols!’ Eso hacían. Y lo entendíamos perfectamente. Querían decirnos que nosotros, los españoles, estábamos en una jaula, encerrados. Éramos tantos, tantos, que mamá casi tenía miedo. Hombres, mujeres, viejos y jóvenes, de todo. Y nos seleccionaban como a animales, sin contemplaciones: el que va a volver a España y el que va a quedarse en Francia. Y aquello no era una proposición, en absoluto: era una obligación. La obligaban a una a marcharse si no presentaba un documento certificando que un pariente próximo era voluntario para defender a Francia o se había alistado en el ejército francés. [...] La Cruz Roja nos localizó a mi padre y a mi hermano en Lyon. Creo

que fue la Cruz Roja. Mi padre mandó el certificado aquel. Se preparaba la guerra. [...]. A todo el que no podía presentar un certificado, si se consideraba que estaba de sobra, ¡fuera! Puedo asegurarle que han salido muchos trenes de Clermont-Ferrand para la frontera española, ¡trenes enteros! [...] Recuerdo a mujeres vascas que decían que preferían morir antes que volver a España. Luego supimos que muchos saltaron del tren y que hubo muertos; y que una parte del tren iba a España y la otra a los campos de concentración del Midi. Así fue. [...]

Andando pela neve, Pirinéus abaixo, a minha mãe e os cinco filhos mais novos chegámos a uma povoação pequena – já não me recordo do nome [Prats de Mollo]. Íamos agarrados pela mão, eu era a mais velha dos cinco. Quando chegámos à pequena povoação, havia gente por todos os lados, e calamidades, e choros. A minha mãe teve uma síncope. Levaram-na para o hospital e eu fiquei sozinha com os pequenos. No dia seguinte, trouxeram de novo a mamã e puseram-nos num comboio para Clermont-Ferrand [próximo do antigo Quartel de Gribeauval que ficava junto à universidade]. Éramos milhares. Os estudantes tinham uma gaiola e ensinavam-nos a dizer: ‘¡Espagnols! ¡Espagnols!’ Faziam isso. E entendíamo-lo perfeitamente. Queriam dizer-nos que nós, os espanhóis, estávamos numa jaula, encerrados. Éramos tantos, tantos, que a mamã estava quase com medo. Homens, mulheres, velhos e jovens, todos. E seleccionavam-nos como a animais, sem contemplações: os que iam voltar para Espanha e os que iam ficar em França. E aquilo não era uma proposta, em absoluto: era uma obrigação. A obrigação de regressar, se não se apresentasse um documento a certificar que um parente próximo era voluntário para defender a França ou que se tinha alistado no exército francês. [...] A Cruz Vermelha localizou o meu pai e o meu irmão, em Lyon¹⁰. Creio que foi a Cruz Vermelha. O meu pai mandou aquele certificado. Preparava-se a guerra. [...]. Todo aquele que não pudesse apresentar o certificado, se se considerasse que estava a mais, estava de fora! Posso assegurar-lhe que saíram muitos comboios de Clermont-Ferrand para a fronteira espanhola, comboios inteiros! [...] Recordo mulheres vascas que diziam que preferiam morrer a voltar para Espanha. Entretanto, soubemos que muitos saltaram do comboio e que houve mortos; e que uma parte do comboio ia para Espanha e a outra para os campos de concentração do Midi. Foi assim. [...]

Depois do refúgio de Clermont-Ferrand, onde “os trataram bem” (insiste María Sánchez), foram para o campo de internamento de Argelès-sur-Mer.

Y aquello fue otra cosa. Por poco me muero... si mis hermanas [que por fin dimos con ellas en Castres] no hubiesen mandado paquetes... Yo me descomponía... Tenía una disentería grave y que ha dejado secuelas. También. Yo conservo un amor especial a Clermont-Ferrand, algo tan fuerte que no se puede explicar.

E aquilo foi outra coisa. Por pouco não morri... se as minhas irmãs [por fim, encontrámo-las em Castres] não tivessem enviado pacotes... Eu já me desfazia... Tinha uma desinteria grave que me deixou sequelas. Também.

¹⁰ Alguns jornais regionais ou nacionais publicavam anúncios de buscas familiares: “Foi assim que encontrei o meu pai, a minha irmã e o meu irmãozito. Estavam em Côte-d’Or”, precisa Elvira Giménez, em Gastal (1994, p. 88).

Eu conservo um amor especial por Clermont-Ferrand, algo tão forte que não se pode explicar.

As crianças “clandestinas” do pós-guerra

nos finais dos anos 40, está claro que a estadia em França se vai eternizar. Francisco Franco tem a Espanha “atada e bem atada”. A partir de 1946, a França aceita como “refugiados estatutários” os numerosos espanhóis que entram clandestinamente, movidos – não todos – pelo desejo de recompor o núcleo familiar¹¹. Mas logo a conjuntura deixa de ser favorável. Começa a guerra fria. Em 1948, a França reabre a fronteira e filtra os clandestinos; em 1950, rejeita metade. A partir de 1951, o gotejo é insignificante (Dreyfus-Armand, 2000).

Também se prolongam as separações familiares, com pais e filhos bloqueados de um e outro lado dos Pirinéus. O cantor e compositor Paco Ibáñez¹² esteve separado de seu pai entre 1939 e 1948. Vivia com a sua mãe e os seus irmãos perto de San Sebastián. A sua obsessão era ir para Perpignan ter com o pai, reunir o dinheiro para pagar a um contrabandista.

Un día, con un hombre que conocía un vado en el Bidasoa, fuimos a Irún para reconocer el terreno. Por vez primera divisé a Francia, en la otra orilla del río: para mí el paraíso estaba del otro lado [...]. Una vez más el viaje fue aplazado... Siempre estábamos haciendo preparativos, siempre era ‘para el mes que viene’. Estábamos como en la barquilla de un globo que inflan, que inflan... y que se niega obstinadamente a despegar.

Por fin, en el mes de agosto del 48, pasamos con un guía por la montaña. Salimos a las 5 de la tarde y anduvimos hasta el amanecer, en silencio, agazapándonos a la alarma más mínima, y atravesamos lo que me pareció ser una infinidad de collados y de valles. De pronto, el hombre que nos acompañaba dijo: ‘*Estamos en Francia*’. Todavía era de noche – sentí que esa línea que no existe, la frontera, estaba detrás de nosotros. La sentí casi físicamente. Seguimos andando guiándonos por el ruido de un riachuelo. Al llegar a lo alto de una colina vi a lo lejos una luz que se encendía y se apagaba: jera el faro de Biarritz!

Perpiñán resultó un paraíso de colores bastante oscuros, pero estábamos bien porque estábamos juntos. [...] La vida empezaba de verdad, pero hubo que cruzar otras fronteras...

El primer domingo, pregunté si debíamos ir a misa, como en el País vasco. Mi padre se contentó con encoger los hombros y sonreír: sin pronunciar una palabra, me había hecho pasar la frontera de la religión.

Existe otra frontera más larga, más difícil de salvar, la del extranjero, la noción imbécil de ‘extranjero’. [...] Soy un exiliado permanente, para siempre, dotado de una misma capacidad de integrar los valores franceses y españoles – pero es un destino que no aceptas nunca. Para mí exigir que no haya fronteras es una reivindicación desesperada, total.

¹¹ J. Salabert relata o (malgrado) regresso à Catalunha de Victòria Pujolar Amat, em 1942.

¹² Entrevista a Paco Ibáñez, Carcasona, julho de 1980: ‘Les chemins de l’exil’ (trad. R.D.), em Grando, Queralt & Febrés (1981).

Um dia, com um homem que conhecia um vau no Bidasoa, fomos a Irún reconhecer o terreno. Pela primeira vez avistei a França, na outra margem do rio: para mim, o paraíso estava do outro lado [...]. Uma vez mais, a viagem foi adiada... Sempre estávamos a fazer preparativos, sempre era ‘para o mês que vem’. Estávamos como na cesta de um balão que inflam, inflam... e que se nega obstinadamente a levantar.

Por fim, no mês de agosto de 48, passámos com um guia pela montanha. Saímos às cinco da tarde e andámos até ao amanhecer, em silêncio, escondendo-nos ao mínimo alarme, e atravessámos o que me pareceu uma infinidade de colinas e de vales. De repente, o homem que nos acompanhava disse: ‘Estamos em França’. Ainda era noite – senti que essa linha que não existe, a fronteira, estava atrás de nós. Senti-a quase fisicamente. Fomos andando, guiando-nos pelo ruído do riacho. Ao chegar ao alto de uma colina, vi à distancia uma luz que se acendia e se apagava: era o farol de Biarritz! Perpignan era um paraíso de cores bastante escuras, mas estávamos bem porque estávamos juntos. [...] A vida começava na verdade, mas houve necessidade de cruzar outras fronteiras...

No primeiro domingo perguntei se devíamos ir à missa, como no País Vasco. O meu pai contentou-se com um encolher de ombros e com um sorriso: sem pronunciar uma palavra, tinha-me feito passar a fronteira da religião.

Existe outra fronteira mais longa, mais difícil de ultrapassar, a do estrangeiro, a noção absurda de ‘estrangeiro’. [...] Sou um exilado permanente, para sempre, dotado de uma mesma capacidade de integrar os valores franceses e espanhóis – mas este é um destino que não se aceita nunca. Para mim, exigir que não haja fronteiras é uma reivindicação desesperada, total.

As fronteiras de Paco Ibáñez, enraizadas profundamente na infância, vêm ilustrar esta afirmação constante¹³ de Josefina Aldecoa (2004): “Tudo se forja na infância”. E, provavelmente por isso, todo o afán do cantante será converter as ásperas fronteiras que teve de transpor na sua adolescência em limiares de tolerância.

Pode concluir-se que a utilidade das recordações infantis é inquestionável. São imprescindíveis, não obstante todas as prevenções de princípio, a heterogeneidade das histórias de vida com a sua realidade e as suas miragens (Duroux, 2005), e a justaposição do verdadeiro, do aprendido, do imaginado...

Assim, o investigador deve pegar nas recordações infantis com as pinças do método crítico. E, como reviver o passado não basta, a sua missão é também explicá-lo e, para conseguir isto, redobrar o esforço de conceptualização. Porém, o espírito crítico não deve converter-se em espírito de crítica, porque se perderia o timbre “dessas vozes que nos vêm do passado”, de acordo com o título sugestivo de um especialista da história oral, Philippe Joutard (1983).

As recordações infantis apresentadas neste estudo formam uma espécie de *puzzle*. Bombardeamentos, separações, perdas de casas e de coisas, noites inquietas, brutais passagens de fronteiras, concretas e simbólicas. Recordações fragmentadas. Recordações com fronteiras. Cada criança, as suas... As peças não são fáceis de juntar... Sem contar que, tratando-se de memória, uniformizar é perigoso. Contudo, creio que se podem fazer observações gerais. Nestas “memórias fronteiriças”, lê-se a complementaridade entre a historicidade e a singularidade

¹³ Repetida, uma e outra vez, desde *Los niños de la guerra* (1983) até *En la distancia* (2004).

do “eu”. Também aflora um sentir dominante: o *estranhamento*, em todos os sentidos da palavra – “ação e efeito de estranhar ou de estranhar-se” (drae).

Com razão, insiste neste *estranhamento* uma novelista fascinada pelo mundo da infância, Ana María Matute (1925-2014), que tinha onze anos quando estalou a guerra civil, e que chega a ser uma extraordinária exploradora das peugadas da guerra na *psique* infantil – desde *Primera memoria* (Premio Nadal 1959) até *Paraíso inhabitado* (2008), meio século mais tarde. O seu sentimento de perda brutal e de “um mundo do avesso” cristaliza-o numa palavra: “assombro”, mescla de estranheza e de susto. Matute não deixou de repetir que a sua geração é a de *los niños asombrados*, e num discurso de 2010, para o Prémio Cervantes, volta a recuperar essa *niña asombrada*.

O elenco de recordações fronteiriças, aqui reunidas, pretende refletir o inextinguível *assombro* que produz aquele “mundo do avesso”, com as suas fronteiras e os seus limiares¹⁴.

Referências bibliográficas

- Aldecoa, J. (1983). *Los niños de la guerra*. Madrid: Anaya.
- Aldecoa, J. (2004). *En la distancia*. Madrid: Alfaguara.
- Alonso Carballés, J. (1998). *1937. Historia y memoria de un éxodo infantil, 1936-1940. Los niños vascos evacuados a Francia y Bélgica*. Bilbao: Asociación de niños evacuados el 37.
- Alted Vigil, A. (2002). El exilio de los niños. Catálogo da exposição “Exilio”. Madrid: Fundación Pablo Iglesias, 125-132.
- Alted Vigil, A. (2005). *La voz de los vencidos. El exilio republicano de 1939*. Madrid: Aguilar.
- Audoin-Rouzeau, S. (2004 [1993]). *La guerre des enfants 1914-1918. Essai d'histoire culturelle* Paris: Armand Colin.
- Audoin-Rouzeau, S. (2006, janvier-mars). *Enfances en guerre*, número especial de *Vingtième Siècle, Revue d'histoire*, 89.
- Brauner, A. & Brauner, F. (2001). *L'expression dramatique chez l'enfant*. Paris: GRPE.
- Broseta, M. L. (2004). Souvenirs d'enfance et d'exil. Monográfico *Témoignages d'exils entre parole et silence: regards et points de vue*, em *Exils et migrations ibériques au XX^e siècle* (1, nova série), 13-80.
- Dreyfus-Armand, G. (2000). *El exilio de los republicanos españoles en Francia*. Barcelona: Crítica.
- Duroux, R. & Thiercelin, R. (1996). Los niños del exilio: *Asignatura pendiente*. In J. Cuesta, & B. Bermejo (Dirs.), *Emigración y exilio* (pp. 167-182). Madrid: Eudema.
- Duroux, R. (2005). El testimonio: Realidad y espejismos. *Los exilios en España (siglos XIX y XX). III Congreso sobre el republicanismo* (2 Vols., I, pp. 187-210). Priego de Córdoba: Ed. Patronato Niceto Alcalá-Zamora y Torres.
- Garcia, G. & Matas, I. (2005). *La mémoire retrouvée des républicains espagnols. Paroles d'exilés en Ille-et-Vilaine*. Rennes: Ed. Ouest-France.
- Gastal, V. (1994). *L'aide humanitaire aux réfugiés espagnols dans le Puy-de-Dôme en 1939* (Master, diretora Rose Duroux). Universidade de Clermont-Ferrand: Instituto de Estudos Hispânicos.
- Ibáñez, P. (1981). Les chemins de l'exil. In R. Grando; J. Queralt, & X. Febrés (Eds.), *Vous avez la mémoire courte...* (pp. 249-251). Marcevol: Éd. Chiendent. Anexo.
- Joutard, Ph. (1983). *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris: Hachette.
- Melero, L. (2006). *La desbandá*. Barcelona: Puzzle Editorial de Libros.
- Salabert, J. (2005). *Hijas de la ira. Vidas rotas por la Guerra Civil*. Barcelona: Plaza-Janés.
- Sierra Blas, V. (2009). *Palabras huérfanas. Los niños y la guerra civil*. Madrid: Taurus.
- Zambrano, M. (1937, dezembro). Residencias infantiles en la España Republicana. *Claridad* (La Habana), 5.

¹⁴ Artigo traduzido por Carlos Morais e revisto por Carlos de Miguel Mora.

Resumen

Toda rememoración es una puesta en escena, consciente o inconsciente, una escenificación de la que se ha de buscar la “cifra”. Es tanto más evidente en el caso de los relatos “fronterizos” cuanto que las fronteras se convierten en un punto – incluso en un absceso – de fijación del recuerdo. Las fronteras sorprendieron al niño al depararle, bruscamente, seres y cosas “raros”. El niño asombrado tuvo que examinar y cuestionar el mundo con una acuidad y una sensibilidad agudizadas. Son muchas las fronteras por cruzar, internas y externas, materiales e inmateriales, y todos hacen mella y dejan huella (a la ida como a la vuelta). Las voces convocadas convergen en un insubmersible “asombro” – palabra que tomamos prestada de Ana María Matute – frente a “un mundo al revés”, frente a una desorientación brutal.

Abstract

Any recall is a conscious or unconscious staging, whose “cipher” should be found. This is the more evident in the precise case of accounts of borders as borders become a point – or even an abscess – fixing memory. They have struck the child by revealing suddenly “strange” beings and things. Struck with astonishment, the child had to scrutinize and question the world with increased acuity and sensitivity. There are many borders to cross, internal and external, material and immaterial, and all leave traces (journey there and back). The voices convoked here converge towards on an unsinkable “*asombro*” – a word we have borrowed from Ana María Matute and that could be translated as “stunning” – against “a world upside down”, facing a sudden loss of bearings.